

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA  
CURSO DE MEDICINA**

**LAURA BARCELLOS NETTO TEIXEIRA  
MARIA EDUARDA NOGUEIRA GROKE**

**A VULNERABILIDADE DA POPULAÇÃO IDOSA FRENTE ÀS INFECÇÕES  
SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NO BRASIL**

**VOLTA REDONDA  
2023**

LAURA BARCELLOS NETTO TEIXEIRA  
MARIA EDUARDA NOGUEIRA GROKE

**A VULNERABILIDADE DA POPULAÇÃO IDOSA FRENTE ÀS INFECÇÕES  
SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Módulo,  
apresentado ao Programa do Curso de  
Medicina, do Centro Universitário de Volta  
Redonda – UniFOA, como requisito parcial  
à obtenção do título em Medicina.

Orientador: José Roberto Barroso Arantes

VOLTA REDONDA

2023

## RESUMO

O debate acerca da vida sexual na terceira idade não é recorrente na sociedade brasileira e se mostra como um tabu mesmo nas relações médico-paciente. Com isso, neste artigo, é estudada a vulnerabilidade da população idosa frente às infecções sexualmente transmissíveis no Brasil com o objetivo de identificar a vulnerabilidade da população idosa às infecções por HIV, sífilis e Hepatite B no cenário nacional. Além disso, analisar a prevalência e a incidência de HIV, sífilis e Hepatite B nos idosos e avaliar os fatores, biológicos, psicológicos e sociais que tornam essa faixa etária mais vulnerável a essas infecções incluindo a falta de conscientização e o comportamento sexual.

. Foi realizada uma consulta nos bancos de dados Scielo, PubMed, Google Acadêmico a partir dos termos “*elderly*”, “*vulnerability*”, “*sexual behavior*” e “*sexually transmitted infection*” como critério de busca. Além disso, Tratado de Geriatria e Gerontologia, das autoras Elizabete Freitas e Ligia Py foi utilizado para embasamento teórico. Constatou-se que HIV, hepatite B e sífilis são as infecções sexualmente transmissíveis mais relevantes nesse grupo. Ademais, verificou que muitos mecanismos para o prolongamento da vida sexual surgiram e aumentaram, porém, não proporcionalmente ao conhecimento dessa faixa sobre o tema. Dessa forma, as autoras concluem que há uma relação entre o aumento das infecções sexualmente transmissíveis com os fatores que aumentaram a vida sexual dos idosos e com isso, a importância da informação e manutenção das campanhas voltadas para essa faixa etária.

**Palavras-chave:** Idosos; Infecções sexualmente transmissíveis; Vulnerabilidade;

## ABSTRACT

The debate on the sexual life in old age is not common in Brazilian society and remains a taboo even in doctor-patient relationships. This article examines the vulnerability of the elderly population to sexually transmitted infections in Brazil, aiming to identify their susceptibility to HIV, syphilis, and Hepatitis B at the national level. It also analyzes the prevalence and incidence of HIV, syphilis, and Hepatitis B in the elderly and assesses the biological, psychological, and social factors that make this age group more vulnerable to these infections, including lack of awareness and sexual behavior. A search was conducted in the Scielo, PubMed, and Google Scholar databases using the search terms "elderly," "vulnerability," "sexual behavior," and "sexually transmitted infection." Additionally, the Geriatrics and Gerontology Treaty by Elizabete Freitas and Ligia Py was used for theoretical basis. It was found that HIV, Hepatitis B, and syphilis are the most relevant sexually transmitted infections in this group. Furthermore, it was observed that many mechanisms for extending sexual life have emerged and increased; however, awareness in this age group has not grown proportionally. The authors conclude that there is a connection between the rise in sexually transmitted infections and the factors that have increased the sexual activity of the elderly, emphasizing the importance of information and maintaining campaigns targeting this age group

**Keywords:** Elderly; Sexually transmitted infections; Vulnerability;

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	5
METODOLOGIA .....	5
RESULTADOS.....	6
REVISÃO DE LITERATURA .....	7
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	11
REFERÊNCIAS.....	13

## **INTRODUÇÃO**

O advento da inversão da pirâmide etária no Brasil deve-se à redução da taxa de natalidade, diminuição da taxa de mortalidade e à migração da área rural para a urbana (VASCONCELOS; GOMES, 2012), junto ao surgimento de tecnologias, medicamentos e acesso universal aos serviços de saúde. Associado a esses fatores, o desenvolvimento de fármacos que prolongam a vida sexual dos idosos, tornou essa parcela da população vulnerável às infecções sexualmente transmissíveis (IST).

Um estudo realizado pela Universidade Federal do Ceará, em 2016, mostra, em seus resultados, que 90,9% dos indivíduos senis relatam não ter utilizado ou não usarem preservativos durante a relação sexual. Portanto, frente a este cenário, mostra-se importante analisar os fatores que colocam essa parcela da população em situação de risco às ISTs. Ademais, discorrer acerca do papel dos profissionais de saúde na detecção e prevenção desses agravos, na promoção e educação em saúde das pessoas na terceira idade se mostra fundamental para o estudo, visto que houve crescimento da taxa de mortalidade da população com mais de 60 anos por Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA).

Desse modo, o debate acerca da vida sexual na terceira idade não é recorrente na sociedade brasileira e tal fato leva ao desconhecimento por parte desse grupo sobre sua proteção e a respeito das doenças em si. Essa situação gera o risco do aumento das infecções sexualmente transmissíveis nas pessoas idosas, o que interfere negativamente no envelhecimento fisiológico, visto que diminui a qualidade de vida. Portanto, fica evidente que o médico e os diversos profissionais dessa área devem exercer a educação em saúde de forma eficiente, uma vez que estes têm papel fundamental na prevenção de doenças nessa população.

Mediante essa realidade, este trabalho tem como objetivo identificar a vulnerabilidade da população idosa às infecções por HIV, sífilis e Hepatite B no cenário nacional. Além disso, analisar a prevalência e a incidência de HIV, sífilis e Hepatite B nos idosos e avaliar os fatores, biológicos, psicológicos e sociais que tornam essa faixa etária mais vulnerável a essas infecções incluindo a falta de conscientização e o comportamento sexual.

## **METODOLOGIA**

O presente artigo é uma revisão narrativa construída com base em artigos acadêmicos encontrados nas plataformas digitais SciELO, PubMed e Google

Acadêmico, utilizando como descritores as palavras: “elderly”, “vulnerability”, “sexual behavior” e “sexually transmitted infection”. Para o embasamento teórico foi usado o Tratado de Geriatria e Gerontologia, das autoras Elizabete Freitas e Ligia Py. Também, websites do Governo Federal e Fiocruz foram consultados para obtenção de dados atualizados e Boletins Epidemiológicos dos anos 2019, 2020 e 2021. Os artigos e documentos analisados tiveram sua publicação entre 2011 e 2021.

Na segunda fase da pesquisa, foi realizada a leitura dos artigos pelos resumos, possibilitando a inclusão de artigos que correlacionavam idosos à vulnerabilidade em seus diversos aspectos, idosos e infecções sexualmente transmissíveis e artigos que explicavam o prolongamento da vida sexual nos idosos, assim como artigos que tratavam de hepatite B, HIV e sífilis. Compreenderam como critérios de exclusão: citações breves ou que tangenciavam o tema estudado, publicações fora do período de 12 anos e artigos não gratuitos também foram excluídos.

A partir disso, foram selecionados 11 artigos, 4 Boletins Epidemiológicos do Ministérios da Saúde, 1 Diretriz do Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis e 2 *websites* que apresentam medidas de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis na população idosa.

O presente artigo dispensa a análise pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), uma vez que se trata de uma revisão narrativa embasada na literatura supracitada.

## **RESULTADOS**

Após a revisão e análise do material coletado na metodologia, foi estabelecida a composição do trabalho. Desse modo, foi possível eleger a hepatite B, HIV e sífilis como as infecções sexualmente transmissíveis mais relevantes para o tema “vulnerabilidade da população idosa frente às ISTs”, em razão de morbimortalidade, incidência, prevalência e falha na prevenção dessas doenças.

Nos artigos: “Vulnerabilidade de idosos a infecções sexualmente transmissíveis” (ANDRADE et al, 2017), “Avaliação do nível de conhecimento em relação à Aids e sífilis por idosos do interior cearense, Brasil” (BASTOS et al, 2018), “As doenças sexualmente transmissíveis (DST) na terceira idade” (CASTRO, 2011), “Vulnerabilidade a infecções sexualmente transmissíveis em idosos usuários de um centro de testagem e aconselhamento” (FERREIRA et al, 2019), “Educação em Saúde na terceira idade para prevenção das infecções sexualmente transmissíveis e HIV/AIDS: uma revisão integrativa” (GUSMÃO et al, 2017), “Sexualidade na terceira

idade: medidas de prevenção para doenças sexualmente transmissíveis e AIDS” (MASCHIO et al, 2011), “Influência do uso da camisinha masculina por idosos na vulnerabilidade ao HIV: uma revisão sistemática com meta-análise” (PAZ et al, 2014), evidencia que os idosos não recebem destaque nas campanhas de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis. Revela como os profissionais da área da saúde são pouco capacitados para atender essa parcela da população em relação às ISTs e compreender que a sexualidade é cada vez mais presente na vida de pessoas acima de 60 anos.

Em seguida, foi encontrado nos artigos “Efeito Viagra: O impacto do medicamento de bem-estar sobre o comportamento dos usuários de meia-idade no Brasil” (AZUAGA; SAMPAIO, 2016), “Próteses penianas no tratamento da disfunção erétil: a casuística de 13 anos” (SEPÚLVEDA, et al, 2016), “Idosos, sexualidade e suas vulnerabilidades” (NASCIMENTO; ARAÚJO, 2018) como medicamentos e tecnologias que prolongam a vida sexual dos idosos podem expor essa população às infecções estudadas na primeira parte do artigo. Destacam-se dentre essas tecnologias medicamentos como o Sildenafil, as próteses penianas e produtos lubrificantes.

Ao pesquisar sobre campanhas de prevenção e conscientização sobre ISTs voltadas para o público idoso, foram obtidos poucos resultados. Os 2 sites da internet que destacaram em suas campanhas foram: FIOCRUZ, “Prevenção de HIV/AIDS”; e a Prefeitura de Tubarão com a campanha “Dezembro Vermelho: prevenção não tem idade. Cuide-se!”.

## **REVISÃO DE LITERATURA**

As infecções sexualmente transmissíveis, no Brasil e no mundo, tornaram-se um assunto bastante discutido e relevante para os sistemas de saúde. No período de 1999 a 2021, foram notificados 262.815 casos confirmados de hepatite B no Brasil (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021). “De 2007 até junho de 2021, foram notificados no Sinan 381.793 casos de infecção pelo HIV no Brasil” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021, p. 12). E por fim, “no período de 2010 a junho de 2021, foram notificados no Sinan um total de 917.473 casos de sífilis adquirida” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021, p. 17). Contudo, houve dificuldade para encontrar dados e informações sobre essas infecções na população idosa.

“Imunossenescência pode ser definida como um declínio da função imune que ocorre em idosos, de maneira fisiológica, sem decorrer de qualquer doença de base, desnutrição, exposição a agente tóxico ou desordem genética” (SOARES; MATIOLI; VEIGA, 2006). Ter conhecimento dessa condição fisiológica é importante para se entender a dimensão da discussão sobre a prevalência das ISTs na população idosa, visto que essa população se torna naturalmente mais vulnerável.

#### Sobre a hepatite B:

todas as faixas compreendidas acima de 45 anos de idade apresentaram aumento na taxa de detecção nos dez anos da análise, com destaque para os indivíduos de 60 anos ou mais, nos quais a taxa passou de 5,1 casos para 8,0 casos a cada 100.000 habitantes, entre 2008 e 2018 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019, p. 18).

Um dos grandes fatores que deixam os idosos vulneráveis ao vírus da hepatite B é que, “mesmo com a disponibilidade de uma vacina eficaz, de produção autossuficiente no Brasil, muitos idosos não receberam esse tipo de imunização, estando susceptíveis à contaminação” (FERREIRA et al, 2019, p. 7), haja vista que essa vacina foi inserida no calendário de vacinação apenas no início dos anos 90. Dessa forma, essa doença merece destaque, dado o aumento nas taxas de infecção na população idosa devido à, entre outros fatores, falha na cobertura vacinal.

Segundo Andrade et al. (2017), no Brasil, os dados sobre a prevalência das IST não são de amplitude nacional, principalmente na faixa etária de 60 anos ou mais, uma vez que muitas delas não têm notificação compulsória. Contudo, sabe-se que houve um aumento de 27,7% nos coeficientes de mortalidade pela Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA) na população idosa nos últimos 10 anos, em contraste, em todas as outras faixas etárias esse coeficiente apresentou queda (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021), o que indica a vulnerabilidade dessa parcela da população frente à ocorrência desse vírus. A evolução natural da infecção por HIV pode resultar na Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, a qual torna o hospedeiro vulnerável a outras doenças e infecções que raramente atingem os imunocompetentes (SOARES; MATIOLI; VEIGA, 2006). Isso ocorre, pois, a replicação do HIV leva a uma destruição das células do sistema imune do hospedeiro, principalmente da sua principal célula alvo, o Linfócito TCD4+.

Após o ano de 2018, houve diminuição na taxa de detecção de sífilis adquirida para todas as faixas etárias (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021). Vale ressaltar que essa redução não indica baixa de novas infecções, apenas uma possível falha na notificação e diagnóstico dessa doença. A sífilis adquirida é uma doença de grande

impacto na população, uma vez que as úlceras genitais causadas no primeiro estágio podem facilitar a transmissão sexual do HIV (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020, p.82).

Diante do entendimento da fisiopatologia do HIV/aids e da sífilis adquirida, nota-se como a infecção do HIV deixa o indivíduo mais vulnerável ao desenvolvimento de outras doenças como a sífilis. Dessa forma, sustenta a importância da prevenção dessas doenças na população idosa.

Outro fator que propiciou a vulnerabilidade nesta faixa etária são as tecnologias que possibilitaram o prolongamento da vida sexual na terceira idade. Entre estas, se destacam os medicamentos, as próteses e produtos que aumentam a lubrificação.

A menopausa, por exemplo, é um período de diversas mudanças na vida das mulheres entre 48 e 51 anos. No âmbito da fisiologia, essas alterações hormonais provocam uma diminuição da lubrificação vaginal e da elasticidade das paredes da vaginal, fato que pode causar incômodo durante as relações sexuais (ALBUQUERQUE; NASCIMENTO; ARAÚJO, 2019). A fim de tratar essa problemática, foram introduzidos no mercado cremes lubrificantes, com isso, mais mulheres conseguem manter sua vida sexual ativa sem desconfortos.

A disfunção eréctica, problema vivido por homens mais velhos, tratada com medicamentos como o Sildenafil (Viagra, nome comercial) constitui mais uma evidência incontestável da contribuição do desenvolvimento tecnológico para o prolongamento da vida sexual ativa de indivíduos da terceira idade (AZUAGA; SAMPAIO, 2016; LARIVIERE; WOLFF, 2015). Adverta-se, entretanto, que essa vida sexual estendida requer acompanhamento, não só porque há a introdução de medicamentos, como também pelo fato que o comportamento durante o uso deste fármaco aumenta o risco desses usuários contraírem infecções sexualmente transmissíveis, uma vez que, para Azuaga e Sampaio (2016, p. 4) “o tratamento da disfunção erétil permite uma maior disponibilidade para atividade sexual, que associada a outros fatores físicos e psicológicos, acabam impactando o comportamento sexual”.

Além destes, as próteses penianas também valem o destaque. Essa alternativa teve seu início datado de 1950 e se mostra como última escolha no tratamento da disfunção erétil com resultados satisfatórios para os pacientes (SEPÚLVEDA et al, 2016).

Portanto, ao observar que, com esses avanços, foi possível melhorar a qualidade de vida e manutenção da sexualidade, é importante a preocupação acerca

do risco de infecção por patógenos relacionados à vida sexual pelos idosos (ALBUQUERQUE; NASCIMENTO; ARAÚJO, 2019).

A população da terceira idade se mostra resistente ao uso de preservativos e torna esse debate de grande relevância. Segundo Albuquerque, Nascimento e Araújo (2019, p. 9) essa resistência se dá por um conjunto de fatores tais como o desconhecimento quanto ao modo de usar, o sentimento de vergonha e constrangimento no momento da compra desse produto, receio de manipular inadequadamente o preservativo e prejudicar uma ereção efetiva e a crença equívoca de que os métodos de barreira previnem apenas contra uma gravidez indesejada. O mesmo estudo realizado por Albuquerque, Nascimento e Araújo (2019, p.10) também cita como um desafio para o uso de preservativos pelos homens o fato destes “julgarem ser um cuidado necessário apenas em relações extraconjugais ou com profissionais do sexo”. O tabu acerca da vida sexual ativa na terceira idade também é um fator que dificulta a utilização da “camisinha” por esse grupo, podendo afirmar que:

Ao passo que se investiu no desenvolvimento de medicamentos e tecnologias duras, que melhorassem o desempenho sexual dessa população, pouco foi o empenho dos serviços de saúde e da mídia em popularizar e trabalhar abertamente a vida sexual da pessoa idosa, abordando-a como algo normal e como direito legítimo (DA PAZ et al., 2013, p.150).

Ademais, esse grupo não associa o uso de preservativos com pessoas que já são familiarizadas com o idoso, ou seja, em relações de maior confiança. Por mais que se tenha o entendimento de que é necessário para a prevenção, a camisinha não é utilizada (MASCHIO et al, 2011). Segundo MASCHIO et al. (2011, p.587) “é necessário fazer com que a pessoa idosa perceba sua vulnerabilidade e esse é um dos desafios da prevenção”.

Outro fator associado à não utilização de camisinha por parte de idosos é a falta de campanhas nos veículos de comunicação voltadas para esse grupo. “Há uma falta de identificação do idoso com as campanhas de prevenção da AIDS, que tem sempre como foco o jovem. Então, o idoso não se considera como um doente em potencial” (MASCHIO et al.,2011).

Em estudo realizado por BRITO et al. (2016) apud DO MONTE et al. (2021) em um grupo de idosos, observou-se que:

“40% dos idosos apontaram o preservativo como método de prevenção, 20% não souberam responder, e cerca de 29,2% pontuaram que as medidas a se tomar seriam não se relacionar com profissionais do sexo, não beijar pessoas que tenham IST, e não usar o mesmo assento, esses dados levantados demonstram a necessidade de fornecer informações e esclarecimento aos idosos sobre as IST”. (BRITO et al., 2016; DO MONTE et al., 2021, p.10812)

Observa-se um déficit de ações educativas voltadas para essa população, situação que favorece a vulnerabilidade da população no topo da pirâmide etária ao aumento do risco às infecções sexualmente transmissíveis.

O Ministério da Saúde lançou campanhas de educação em saúde voltadas para o uso de preservativos na terceira idade, no entanto, observa-se que estas campanhas ainda não são eficientemente exploradas (GUSMÃO et al., 2017), o que demonstra a importância de sua discussão e expansão para todo o país.

Os profissionais de saúde, ao elaborar campanhas para prevenção de infecções sexualmente transmissíveis, não dão ênfase a essa faixa etária. Valorizam mais os jovens, pois a preocupação de se evitar gravidez, não está mais relacionada a esse grupo (GUSMÃO et al., 2017), cria a falsa sensação de que indivíduos da terceira idade não compõem a população de risco, o que aumenta a sua vulnerabilidade. Segundo Brasil (apud CASTRO, 2010, p.18) existe urgência em incluir pessoas com mais de 60 anos nas campanhas de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. Esses indivíduos devem ter seus desejos sexuais levados em consideração e desmistificar a visão de que idosos são assexuados (CASTRO, 2010).

As campanhas devem abranger medidas de educação e promoção de saúde, orientações informativas, atualização dos profissionais e estímulo ao uso de preservativos, por meio de rodas de discussão, ensaios fotográficos, filmes e folders como feito pela Secretaria de Estado de Saúde do Rio Grande do Sul em 2014 publicada no *website* da Fiocruz.

A campanha “Dezembro vermelho: prevenção não tem idade” realizada pelo município de Tubarão, em Santa Catarina, no ano de 2019, se mostra como um exemplo de ação bem estruturada, uma vez que abrangeu dias diversos, horários flexíveis, em diferentes áreas da cidade. Entre as estratégias estavam a distribuição de preservativos, oferecimento de testes rápidos, orientações sobre infecções sexualmente transmissíveis e palestras com profissionais médicos da área da infectologia. Expandir estas ações nos diversos municípios brasileiros pode representar uma maneira de diminuir a vulnerabilidade da população idosa às infecções sexualmente transmissíveis.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir dos dados analisados acerca do cenário das infecções sexualmente transmissíveis no Brasil observou-se grande impacto das doenças hepatite B, HIV e sífilis não apenas na população em geral, mas também na população idosa. Com base nisso, foi possível, através da revisão bibliográfica, traçar uma relação entre o aumento das infecções sexualmente transmissíveis com os fatores que aumentaram a vida sexual dos idosos, como os medicamentos, a cirurgia de prótese peniana e os lubrificantes. Associado a essa relação, notou-se igualmente a importância da relevância da informação e manutenção das campanhas voltadas para essa faixa etária na contribuição do aumento das doenças nesse grupo populacional.

Portanto, fica evidente que o tema da vulnerabilidade da população idosa frente às infecções sexualmente transmissíveis merece atenção permanente da sociedade, dos profissionais da saúde e dos órgãos governamentais. Propõe-se que o governo expanda suas campanhas para além das faixas etárias mais jovens a fim de conscientizar e informar os idosos sobre a prevenção com o uso de preservativos. É importante investir em práticas educativas, onde os idosos possam ser inseridos em um ambiente que aborde a sexualidade, proporcionando maior segurança e qualidade de vida aos nossos cidadãos. Visto esse cenário, o papel de nós, médicos, é de grande importância na abordagem do idoso vulnerável. Nas consultas, o tema relação sexual deve ser abordada de forma acolhedora e sem estigmas, buscando fazer uma investigação como os pacientes percebem essas infecções e qual o grau de conhecimento sobre elas, com a finalidade de evidenciar para o idoso – saudável e vulnerável – a importância da prática sexual de forma segura e como isso implica no aumento da expectativa com qualidade de vida.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Juliane; AYRES, Jairo Aparecido; ALENCAR, Rúbia Aguiar; DUARTE, Marli Teresinha Cassamassimo; PARADA, Cristina Maria Garcia de Lima. **Vulnerabilidade de idosos a infecções sexualmente transmissíveis**. Acta Paulista de Enfermagem, janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/NXypD4MRzpP6jtnp3xbHZHm/?lang=pt>. Acesso em: 10 maio 2022.
- AZUAGA, Feliciano Lhanos; SAMPAIO, Breno Ramos. **Efeito Viagra: O impacto do medicamento de bem-estar sobre o comportamento dos usuários de meia-idade no Brasil**. Anais do XLIV Encontro Nacional de Economia [Proceedings of the 44th Brazilian Economics Meeting], Brasil, ed. 198, 21 jul. 2016. Disponível em: [https://www.anpec.org.br/encontro/2016/submissao/files\\_I/i12-9705b2adf5aa4116c2fd260418894e86.pdf](https://www.anpec.org.br/encontro/2016/submissao/files_I/i12-9705b2adf5aa4116c2fd260418894e86.pdf). Acesso: 9 maio 2022.
- BASTOS, Luzia Mesquita; TOLENTINO, Jéssika Mayhara Souza; FROTA, Maria Alanne de Oliveira; TOMAZ, Wellington Costa; FIALHO, Maria Luisa de Sousa; BATISTA, Ana Cristina Beviláqua; TEIXEIRA, Ana Karine Macedo; BARBOSA, Francisco Cesar Barroso. **Avaliação do nível de conhecimento em relação à Aids e sífilis por idosos do interior cearense, Brasil**. Ciência & Saúde Coletiva, agosto de 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/CVfhwsm76gFfSyThy6hdTqS/?lang=pt>. Acesso em: 9 maio 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis – DCCI. **Boletim Epidemiológico Hepatites Virais**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2021/boletim-epidemiologico-de-hepatite-2021.pdf>. Acesso em: 9 maio 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis – DCCI. **Boletim Epidemiológico Hepatites Virais 2019**. Brasília, 2019. Disponível em: [https://bvsm.sau.gov.br/bvs/boletim\\_epidemiologico/hepatites\\_virais\\_2019.pdf](https://bvsm.sau.gov.br/bvs/boletim_epidemiologico/hepatites_virais_2019.pdf). Acesso em: 24 maio 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis – DCCI. **Boletim Epidemiológico HIV/Aids 2021**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2021/boletim-epidemiologico-especial-hiv-aids-2021.pdf>. Acesso em: 9 maio 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis – DCCI. **Boletim Epidemiológico Sífilis 2021**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de->

[conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2021/boletim\\_sifilis-2021\\_internet.pdf](#). Acesso em: 24 maio 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis – DCCI. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)**. Brasília, 2020. Disponível em: [https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/08/pcdt\\_ist\\_final\\_revisado\\_020420.pdf](https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/08/pcdt_ist_final_revisado_020420.pdf). Acesso em: 10 maio 2022.

CASTRO, Ilda Flavia Gonçalves de. **As doenças sexualmente transmissíveis (DST) na terceira idade**. 2010-2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-9KGMM7/1/monografia\\_ilda\\_fl\\_via.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-9KGMM7/1/monografia_ilda_fl_via.pdf). Acesso em: 10 maio 2022.

FERREIRA, C. de O.; DAVOGLIO, R. S.; VIANNA, A. dos S. A.; SILVA, A. A. da; REZENDE, R. E. A. de; DAVOGLIO, T. R. **Vulnerabilidade a infecções sexualmente transmissíveis em idosos usuários de um centro de testagem e aconselhamento**. Arq. Cienc. Saúde UNIPAR, Umuarama, v. 23, n. 3, p. 171-180, set./dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/6757/3833>. Acesso em: 9 maio 2022.

FIOCRUZ. **Prevenção de HIV/AIDS**. Saúde da Pessoa Idosa, 2014. Disponível em: <https://saudedapessoaidosa.fiocruz.br/preven%C3%A7%C3%A3o-de-hiv aids>. Acesso em: 23 maio 2022.

GUSMÃO, Tarcila Lima Alcântara de; ARAÚJO, Gleicy Karine Nascimento de; SOUSA, Rute Costa Regis de; FRAZÃO, Luisa Rayane Silva Bezerra; GUEDES, Tatiane Gomes. **Educação em Saúde na terceira idade para prevenção das infecções sexualmente transmissíveis e HIV/AIDS: uma revisão integrativa**. Congresso Internacional de Envelhecimento Humana, v. 1, n. 2, p. 1-11, Brasil, 2017. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2017/TRABALHO\\_EV075\\_MD2\\_SA9\\_ID2468\\_21102017165504.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2017/TRABALHO_EV075_MD2_SA9_ID2468_21102017165504.pdf). Acesso em: 10 maio 2022.

MASCHIO, Manuela Busato Mottin; BALBINO, Ana Paula; DE SOUZA, Paula Fernanda Ribeiro; KALINKE, Luciana Puchalski. **Sexualidade na terceira idade: medidas de prevenção para doenças sexualmente transmissíveis e AIDS**. Rev Gaúcha Enferm., Porto Alegre (RS) 2011 set;32(3):583-9. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1983-14472011000300021>. Acesso em 9 mai. 2022.

NASCIMENTO, Dayse Hellen Carvalho Ubaldino do; ARAÚJO, Raiane Cristine de Sousa. **Idosos, sexualidade e suas vulnerabilidades**. Orientador: Ana Karolina Rodrigues Albuquerque. 2018. 13f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Enfermagem) - Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, 2018. Disponível em: <https://dspace.uniceplac.edu.br/handle/123456789/67>. Acesso em: 09 de maio 2022.

PAZ, Marcella Alves da; ALENCAR, João Márcio Nunes de; SOUSA, Cláudia Layse Almeida; ANJOS, Ulisses Umbelino dos; NOGUEIRA, Jordana de Almeida; RODRIGUES, Jailson Alberto. **Influência do uso da camisinha masculina por idosos na vulnerabilidade ao HIV: uma revisão sistemática com meta-análise.** DST - J bras Doenças Sex Transm, Brasil, v. 25, n. 3, p. 150-156, 27 jun. 2014. Disponível em: <https://www.epistemonikos.org/pt/documents/f108912e83d74a029697c4e5347b50f46442c93b>. Acesso: 8 maio 2022.

SEPÚLVEDA, Luis; MEIRELES, Ana; MOREIRA, Pedro; DINIS, Henrique; MARQUES, Vera; ROLO, Francisco; MOTA, Alfredo. **Próteses penianas no tratamento da disfunção erétil: a casuística de 13 anos.** Elsevier España, Espanha, v. 33, n. 3, p. 75-80, 10 out. 2016. DOI 10.1016/j.acup.2016.10.003. Disponível em: <https://www.elsevier.es/en-revista-acta-urolologica-portuguesa-214-pdf-S2341402216300325>. Acesso em: 9 maio 2022.

SOARES, Alberto de Macedo; MATIOLI, Maria Niures Pimentel dos Santos; VEIGA, Ana Paula Rocha. **AIDS no Idoso.** In: DE FREITAS, Elizabete Viana et al. Tratado de Geriatria e Gerontologia. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. cap. 91.

TUBARÃO, Município de. Fundação Municipal de Saúde. **Dezembro Vermelho: prevenção não tem idade. Cuide-se!** Tubarão, 2019. Disponível em: <https://www.tubarao.sc.gov.br/noticias/ver/2019/11/dezembro-vermelho-prevencao-nao-tem-idade-cuide-se>. Acesso em: 23 maio 2022.

VASCONCELOS, Ana Maria Nogales; GOMES, Marília Miranda Forte. **Transição demográfica: a experiência brasileira.** Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde, [s. l.], dezembro, 2012. Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/pdf/ess/v21n4/v21n4a03.pdf>. Acesso em: 24 maio 2022.